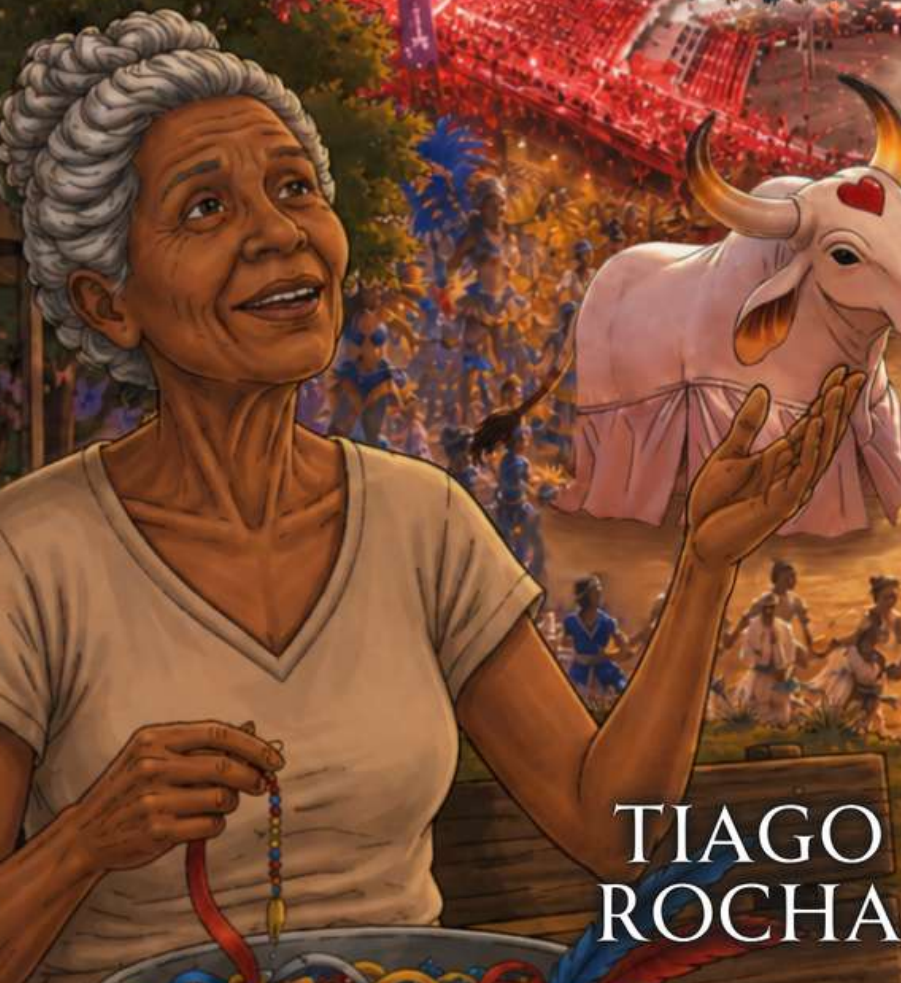


PARINTINS

Folclore em Festa



TIAGO
ROCHA





Roberto Maia Cidade Filho
Governador do Amazonas

Serafim Fernandes Corrêa
Vice-governador do Amazonas

Caio André Pinheiro de Oliveira
Secretário de Cultura e Economia Criativa

Luiz Carlos de Matos Bonates | José Pereira de Menezes Neto
Secretários Executivos

Jennifer Ribeiro
Chefe de Gabinete

Antônio Ausier Ramos
Diretor do Departamento de Literatura

AGÊNCIA AMAZONENSE DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL

Candido Jeremias Cumarú Neto
Presidente

José Mário de Carvalho Neto
Diretor Técnico

LIVRO “PARINTINS, FOLCLORE EM FESTA!”

Tiago Rocha
Autor

Andressa Oliveira | Tiago Rocha
Colaboração

Tiago Rocha
Revisão

João Ferreira
Ilustração

Formas em Poemas
Editoração



Secretaria de
**Estado de Cultura e
Economia Criativa**



**GOVERNO DO
AMAZONAS**
A FORÇA DA NOSSA GENTE

Prefácio

Onde o Rio Amazonas se Transforma em Palco

Abrir as páginas de "Parintins, Folclore em Festa!" é como sentar-se à beira do Rio Amazonas ao pôr do sol, ouvindo a voz sábia e melodiosa de uma senhora que viu o tempo tecer a história de uma das maiores manifestações culturais do mundo. Este livro não é apenas um registro histórico que nasce de um espetáculo teatral; é um convite para adentrar o "terreiro" da memória, onde a realidade e a fantasia dançam ao som dos tambores.

A narrativa é conduzida por Maria, uma personagem que se revela como a própria alma de Parintins, tendo testemunhado desde a chegada da "brincadeira do boi" em 1913, trazida pela influência nordestina dos soldados da borracha, até a grandiosidade do Bumbódromo atual. Através de seus olhos, revivemos o sonho de Roque Cid com seu Boi Caprichoso e a promessa de Lindolfo Monteverde com seu Boi Garantido, jovens que transformaram simples brincadeiras de rua em um legado que conquistou o mundo.

O coração desta obra bate forte ao recontar o "Auto do Boi", o drama folclórico de Pai Francisco e Catirina. Com humor e lirismo, acompanhamos o desejo de uma mãe grávida que desafia o poder de um Coronel, levando ao sacrifício e à posterior ressurreição mágica do boi pelas mãos do Pajé – uma metáfora eterna sobre o ciclo da vida, da fé e da preservação das raízes.

"Parintins, Folclore em Festa!" celebra a cultura amazônica. Celebra a cultura parintinense. É um espetáculo em formato de papel, onde o leitor é convidado a vestir o azul ou o vermelho, mas, acima de tudo, a celebrar a identidade de um povo que transforma memória em arte e folclore em festa.

Sejam bem-vindos à Ilha da Magia. A festa vai começar!

Andressa Oliveira Holsbach
Formada em História e CEO da Amazônia Arts

Dedicatória

Dedico esta obra à minha família em nome de Ercila Oliveira da Rocha e Luiz Gabriel Rocha, e ainda, Thiago Nascimento Reis, Andressa Oliveira Holsbach e Alfredo Azevedo Sobrinho, que, como artesãos do afeto, ajudam a tecer e a preservar as 'linhas da vida' da minha história. Minha profunda gratidão por acreditarem em meu caminhar e por serem a luz que me permite enxergar muito além do horizonte, para lá das margens dos rios que banham esta terra fértil de encanto e poesia.

Ao professor Diego Omar e à professora Franciná Lira, expresso minha sincera gratidão pelo incentivo que me impulsionou a iniciar minha trajetória literária.

Ao Jair Almeida e aos alunos do Núcleo de Teatro do Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro – Unidade Parintins, que, durante anos, deram vida a estes personagens com ensaios, dedicação e entrega absoluta. Que estas páginas honrem o compromisso daqueles que valorizam as raízes que sustentam o nosso folclore.

Ao Governo do Estado do Amazonas, à Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa – SEC e à Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural – AADC, pelo apoio fundamental que permitiu transformar a memória coletiva, primeiramente, em um espetáculo teatral vibrante de cores e sons. Agora, este mesmo legado se expande, permitindo que a magia de Parintins e sua herança folclórica continuem a conquistar o mundo através das páginas desta obra literária.

A todos vocês, que contribuem para que a história permaneça viva e para que todos possam "brincar de boi", celebrando eternamente Parintins, folclore em festa!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha, Tiago

Parintins : folclore em festa / Tiago Rocha ;
ilustração João Ferreira ; colaboração Andressa
Oliveira. -- Manaus, AM : Formas em Poemas, 2026.

ISBN 978-65-84256-08-8

1. Cultura brasileira 2. Folclore - Brasil -
Amazônia 3. Parintins (AM) - História I. Ferreira,
João. II. Oliveira, Andressa. III. Título.

26-368359.0

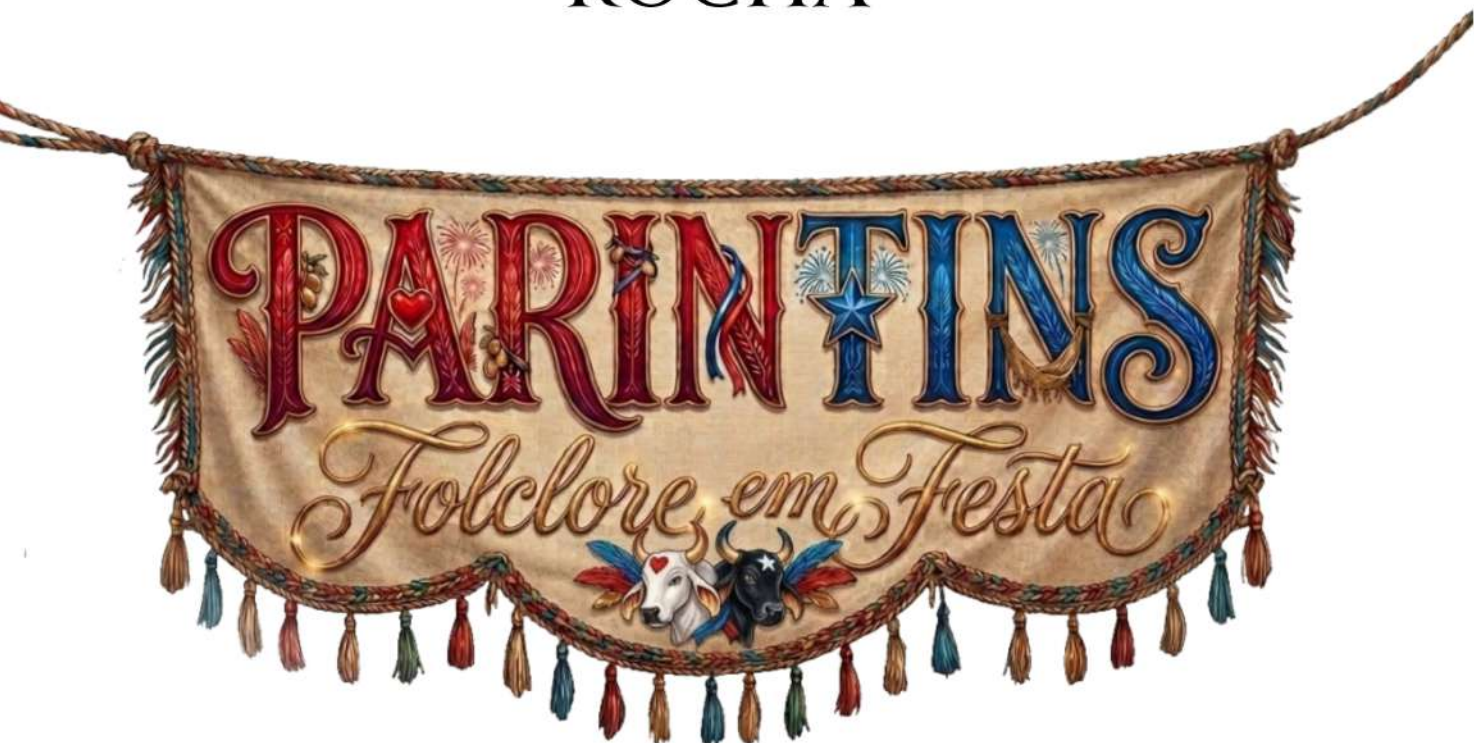
CDD-398.0981

Índices para catálogo sistemático:

1. Folclore brasileiro 398.0981

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

TIAGO
ROCHA



CULTURA



Edições
Governo do Estado

Secretaria de
Estado de Cultura e
Economia Criativa



GOVERNO DO
AMAZONAS
A FORÇA DA NOSSA GENTE

O sol se punha lentamente sobre as margens do Rio Amazonas, tingindo o céu de tons alaranjados e rosados.

Em frente a uma casa simples, cercada por mangueiras e castanheiras, uma senhora de cabelos brancos e traços caboclos cantarolava baixinho uma canção antiga.



Todos a chamavam de Maria.



Sentada em um banco de madeira gasto pelo tempo, ela segurava no colo uma bacia de alumínio cheia de fitas coloridas, miçangas e penas.

Suas mãos, marcadas pelos anos, trabalhavam com delicadeza, trançando enfeites que seriam usados nas festas do Festival Folclórico de Parintins.

De vez em quando, ela parava, olhava o horizonte e sorria, como quem conversa com lembranças.

8

9

**- Essas linhas da vida
Tecendo, tecendo eu vou.
Estão guardados no tempo**

**Tudo o que aqui se passou
Foram muitos momentos
Que ficaram na memória**

**Vi com os meus próprios olhos
E vou lhes contar essa história**





– Sejam bem-vindos, meus filhos! Que bom que chegaram.

Eu já estava aqui agoniada esperando por vocês, fazendo uns enfeites para o Festival Folclórico de Parintins.

Hoje é uma das festas populares mais importantes do Brasil! Acontece todos os anos aqui às margens do majestoso Rio Amazonas, mas nem sempre foi assim.

Eu já estava aqui desde antes do começo.

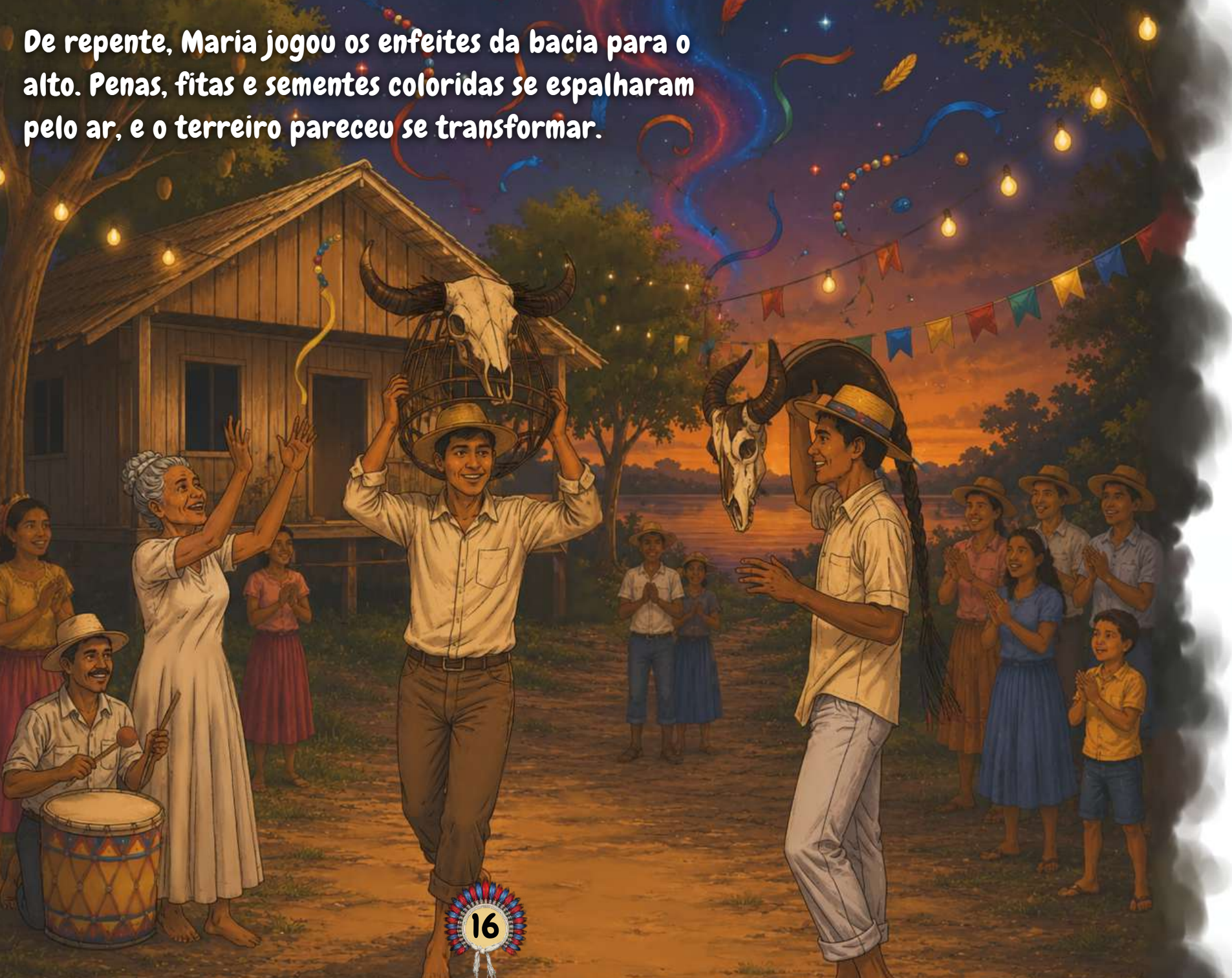
Murmurava, enquanto seus dedos dançavam entre as fitas. Depois, ergueu o olhar e falou, como se o vento e as árvores fossem seu público:



Maria ajeitou o lenço na cabeça e continuou:

– Vi quando a brincadeira do boi chegou na Amazônia com os europeus e se juntou com a cultura indígena e negra. Aqui, com a chegada dos soldados da borracha para a exploração das seringueiras para produzir a borracha, a brincadeira de boi recebeu influência do nordeste. Se não me falha a memória, tudo começou lá por volta de 1913, quando dois jovens inspirados pela cultura nordestina do Bumba-meu-boi resolveram criar seus boizinhos para brincar pelas ruas de Parintins.





De repente, Maria jogou os enfeites da bacia para o alto. Penas, fitas e sementes coloridas se espalharam pelo ar, e o terreiro pareceu se transformar.

Ao som de tambores surgiram dois rapazes:

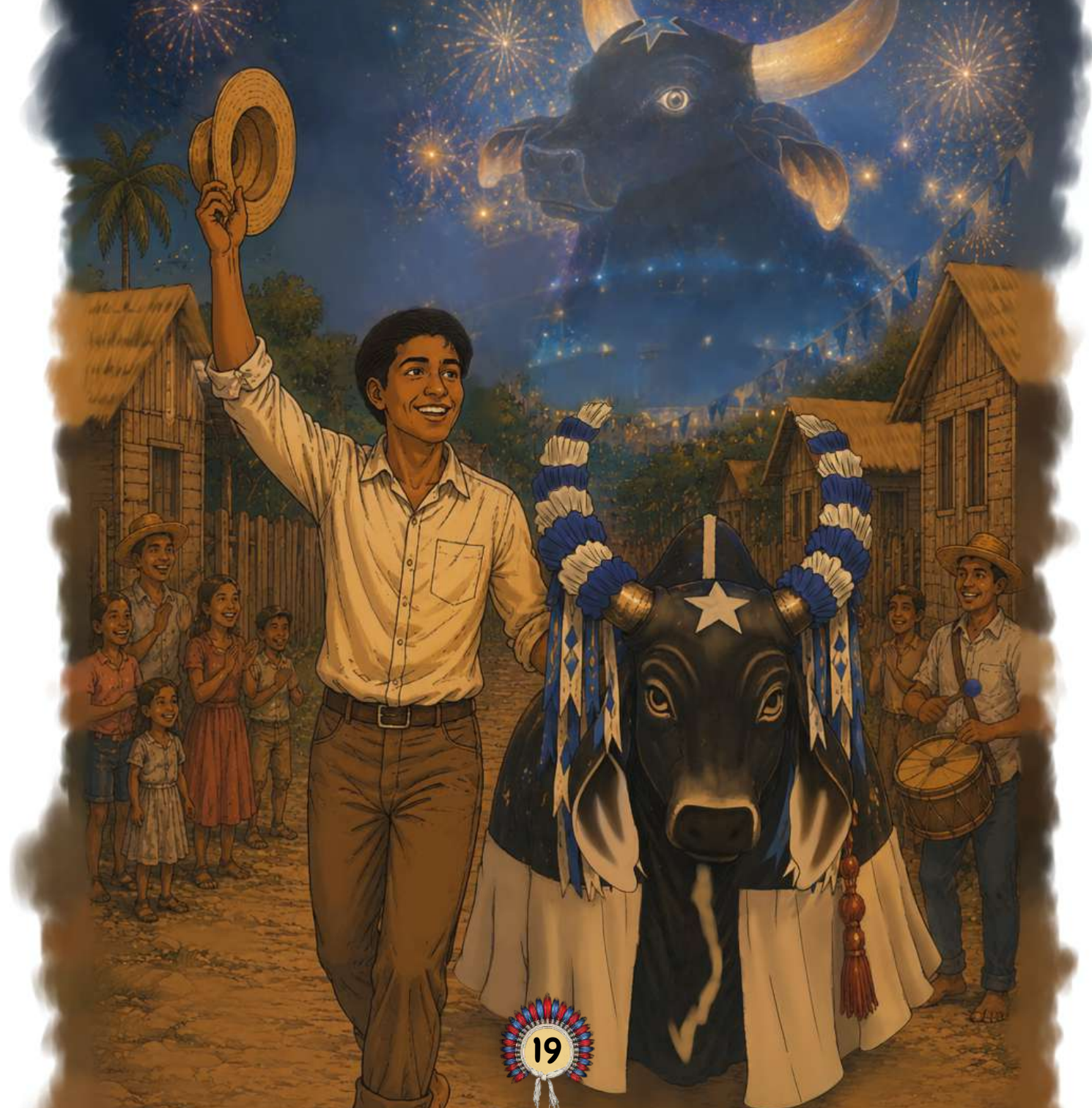
Roque Cid e Lindolfo Monteverde, cada um conduzindo seu boi de brinquedo – o **Caprichoso** e o **Garantido**.

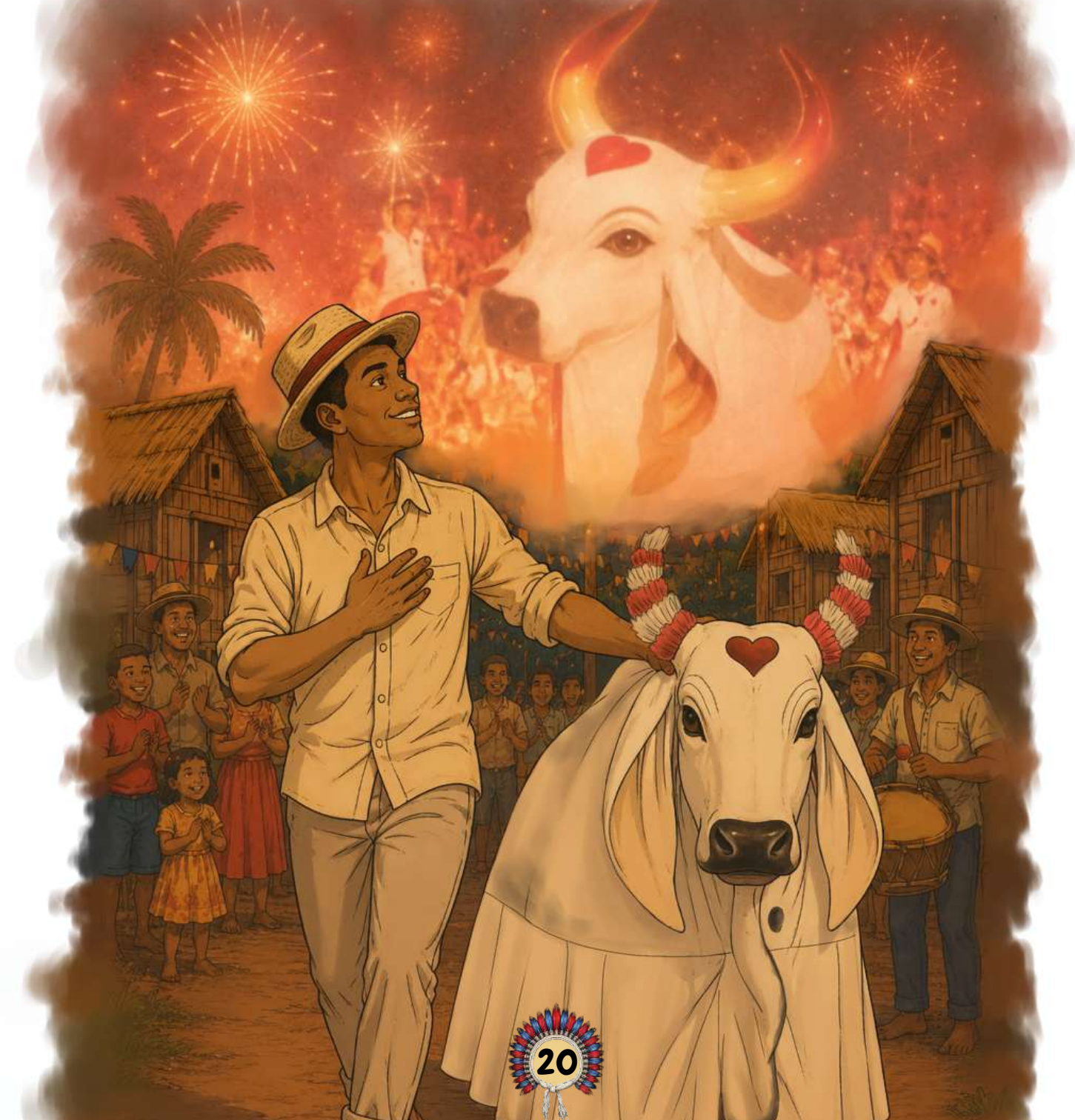
Roque Cid, com um sorriso orgulhoso, ergueu o chapéu e anunciou:

**Eu me chamo Roque Cid
Minha história vou contar
Junto com os meus irmãos
Criamos um Boi para brincar**

**Chegando em Parintins
Fiz então minha promessa
Se prosperidade tivesse
O meu **Boi Caprichoso** sairia em festa**

**Meu senhor e minha senhora
Nem podia imaginar
Que um dia o meu **boizinho**
O mundo iria conquistar**





Lindolfo Monteverde respondeu, com o olhar brilhando de lembrança:

**Sou Lindolfo Monteverde
Vim aqui me apresentar
Quando tinha 11 anos
Eu fiz um Boi de “curuatá”**

**Aos 18 fiz a promessa
De brincar pelas ruas da Ilha
Meu brinquedo é o **Garantido**
Está aqui a promessa cumprida**

**Nunca que eu imaginaria
Que isso iria acontecer
Que **meu boi** nasceria
Em Parintins para o mundo ver**



Os dois se entreolharam, e Maria, emocionada, comentou:

– Os Bois brincavam ora como Boi de Terreiro, com o tema da morte e ressurreição do boizinho, ora como Boi de Rua, andando pelas ruas da cidade indo nas casas dos moradores mais ricos, que pagavam para recebê-los e davam aos brincantes algum tipo de agrado. Mas o Boi de Arena, como os Bumbás se apresentam hoje, começou com a criação do Festival Folclórico de Parintins em 1965, na quadra da Catedral de Nossa Senhora do Carmo para as quadrilhas e cirandas se apresentarem, e os Bois só iriam encerrar o evento e a história que conduzia toda a apresentação era o “Auto do Boi”.

Eles nem imaginavam que seus bois um dia conquistariam o mundo.



O cenário mudou novamente e o terreiro virou fazenda. Surgiram Pai Francisco e Catirina, um casal simples, recém-chegado à fazenda do Coronel Belarmino.



- Mulher! Cadê tu, Catirina? – gritou Francisco, suado do trabalho.**
- Estou aqui, homem! E com um desejo danado... quero comer uma língua de boi. – respondeu ela, com a mão na barriga.**

Francisco arregalou os olhos.

- Mulher, tu tá doida? O Coronel Belarmino nunca vai dar um boi pra gente.**
- Mas eu não quero qualquer boi, Chico. Quero a língua do Manhoso, o boi preferido do Coronel.**

O homem suspirou, desesperado.

- Mulher, se o Coronel descobre, ele me mata!**



– Pois então, Chico, o que será do nosso filho se eu não comer? – insistiu Catirina, teatral. – Dizem que se a grávida não tem o desejo atendido, o filho nasce com cara da coisa desejada. Já pensou nosso menino com cara de boi?

Francisco coçou a cabeça, resignado.

– Pois é... pelo perigo da situação, estou até achando que não seria uma má ideia.

– Chico!!!

– Calma, Catirina! Não quero que nosso filho tenha a cara de boi não.

– Então tu vais tirar a língua do Manhoso para mim, homem?

– Ai, meu Pai! Se o Coronel Belarmino descobre que eu tirei a língua do Manhoso, é capaz é dele tirar a minha.

– Homem, deixe de ser medroso e vai logo tirar a língua do Manhoso pra mim.

– Mulher....

– Ô meu Chico. Meu Chiquinho estou com muito desejo de comer a língua do boi.

– Que coisa, mulher...





Pai Francisco saiu atordoado.

– Chico, o desejo está aumentando. O que será de nosso filho se eu não comer?

**Cada dia que se passa
Meu desejo só aumenta
Quero a língua do Manhoso
Num ensopado e com pimenta**

**E agora meu santinho?
Que não sei onde o Chico foi
Deus me livre do meu filho
Nascer com cara de boi
Deus me livre do meu filho
Nascer com cara de boi**

A noite caía sobre a fazenda com o peso úmido da floresta. Pai Francisco caminhava devagar, a lamparina em sua mão trêmula. Na outra mão, o terçado refletia um brilho frio, como se também temesse o que estava por vir.

– Compadre Gazumbá! – chamou ele, a voz rouca, quase engolida pela noite.

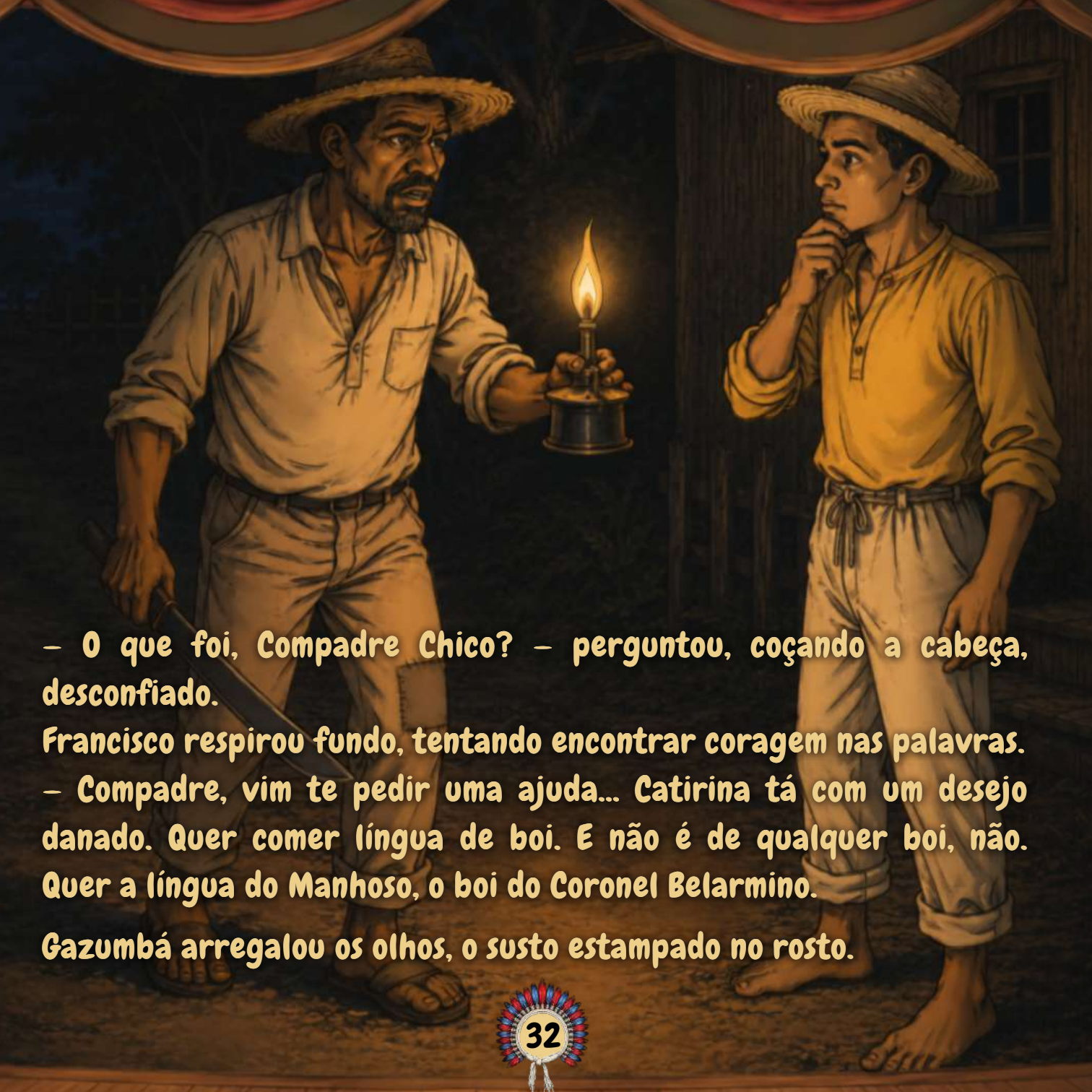
Nenhuma resposta. Apenas o eco do próprio medo. Tentou de novo, mais alto:

– **COMPADRE GAZUMBÁ!**



De dentro do casebre de madeira, surgiu o amigo, o rosto meio escondido pela penumbra.





– O que foi, Compadre Chico? – perguntou, coçando a cabeça, desconfiado.

Francisco respirou fundo, tentando encontrar coragem nas palavras.

– Compadre, vim te pedir uma ajuda... Catirina tá com um desejo danado. Quer comer língua de boi. E não é de qualquer boi, não. Quer a língua do Manhoso, o boi do Coronel Belarmino.

Gazumbá arregalou os olhos, o susto estampado no rosto.



– Tu tá é doido, homem? O Coronel mata quem encostar nesse bicho!

Francisco abaixou a cabeça, a lamparina tremendo mais forte.

– Eu sei, Compadre. Mas e se fosse tua mulher? Grávida, com desejo? Dizem que se não der o que ela quer, o menino nasce com cara da coisa negada. Tu querias um filho com cara de boi?

Gazumbá soltou um riso nervoso, sem graça.

– Cruz credo, Chico! Nem brinca com isso.

– Me ajuda, Compadre. Eu não quero fazer isso sozinho. O Coronel tem tanto boi... um só não vai fazer falta.

Gazumbá coçou o queixo, olhou para o céu escuro e suspirou.

– Tu me metes em cada enrascada, Chico...

Francisco deu um passo à frente, a voz quase um sussurro.

– É pelo meu filho, Gazumbá.

O amigo ficou em silêncio por um instante, depois assentiu devagar.

– Tá certo. Vamos logo, antes que o galo cante.



Os dois seguiram pela trilha estreita que levava ao curral. A lamparina balançava, lançando luzes trêmulas sobre os troncos das árvores. O mugido distante do Manhoso soou como um aviso, um presságio.

Quando chegaram ao cercado, o boi dormia tranquilo. Francisco parou, o terçado pesando na mão. Sentiu o suor frio escorrer pela nuca.

– Que Deus me perdoe... – murmurou.

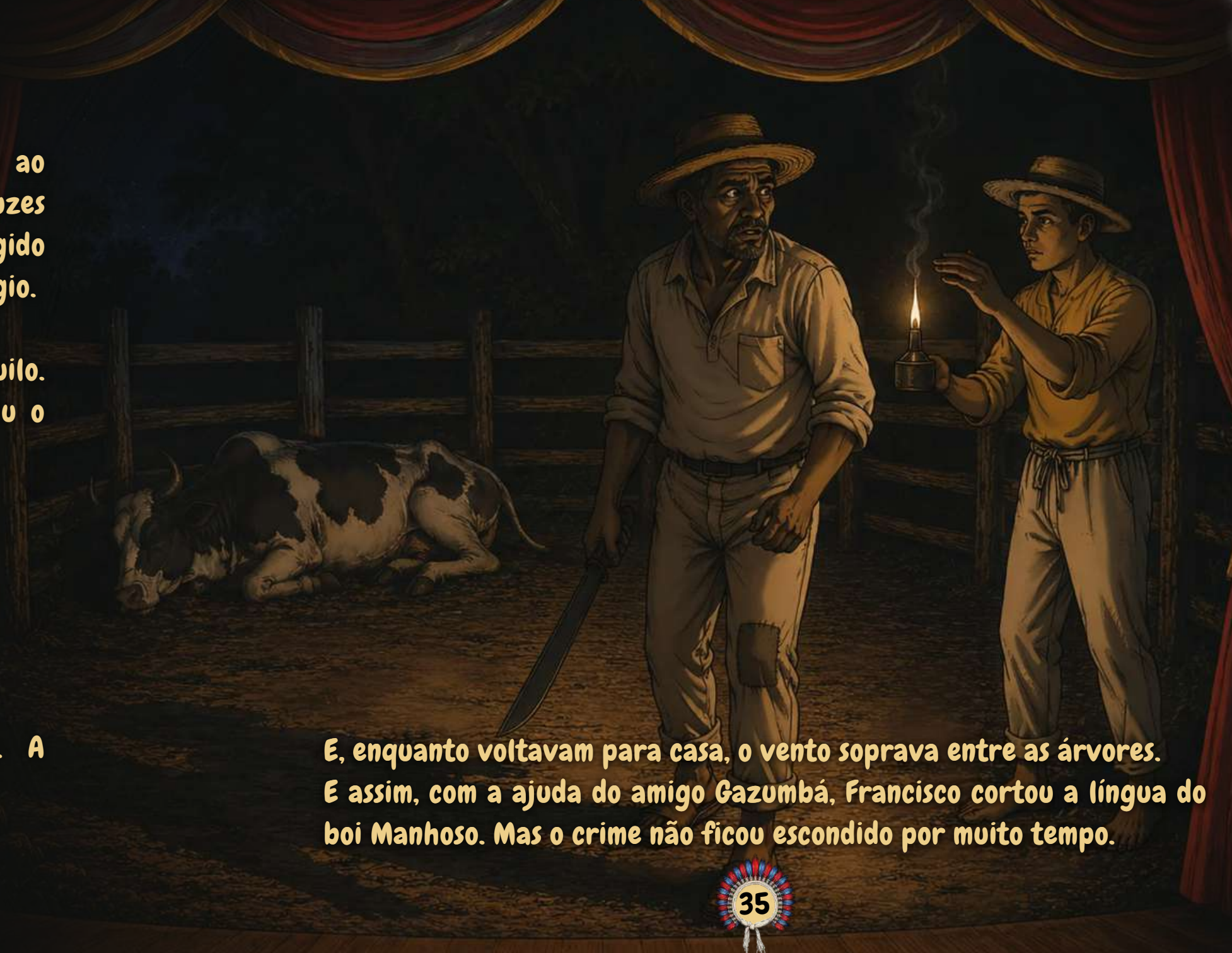
Gazumbá segurou firme a lamparina, o rosto tenso.

– Faz logo, Chico. Antes que alguém veja.

O corte foi rápido, Francisco recuou.

– Tá feito... – disse, a voz embargada.

Gazumbá apagou a lamparina com um sopro. A escuridão os envolveu por completo.



E, enquanto voltavam para casa, o vento soprava entre as árvores. E assim, com a ajuda do amigo Gazumbá, Francisco cortou a língua do boi Manhoso. Mas o crime não ficou escondido por muito tempo.





O Coronel Belarmino encontra sua filha, a Sinhazinha Constância, chorando ao lado do boi ferido.

– Pai, chamem o Pajé. Dizem que ele cura todos os animais da floresta.

O Pajé chegou, envolto em fumaça de ervas e cânticos antigos. Enquanto ele entoava palavras sagradas, os culpados foram trazidos à presença do Coronel: Pai Francisco, Catirina e Gazumbá.

– Fui eu, meu senhor – confessou Francisco. – Cortei a língua do seu boi. Minha mulher estava grávida e com desejo.

Catirina, porém, ergueu a voz:

– O culpado não é o Chico, Coronel. Nem o Gazumbá. O culpado foi o desejo. O desejo de cuidar, de ajudar, de amar.

Na manhã seguinte, o Coronel Belarmino descobriu o ocorrido.

– Roubaram o Manhoso! – bradou, furioso. – Quero os culpados, nem que tenha que revirar a ilha inteira!

O silêncio caiu sobre todos. O Pajé, então, levantou o cajado e começou a dançar em volta do boi.

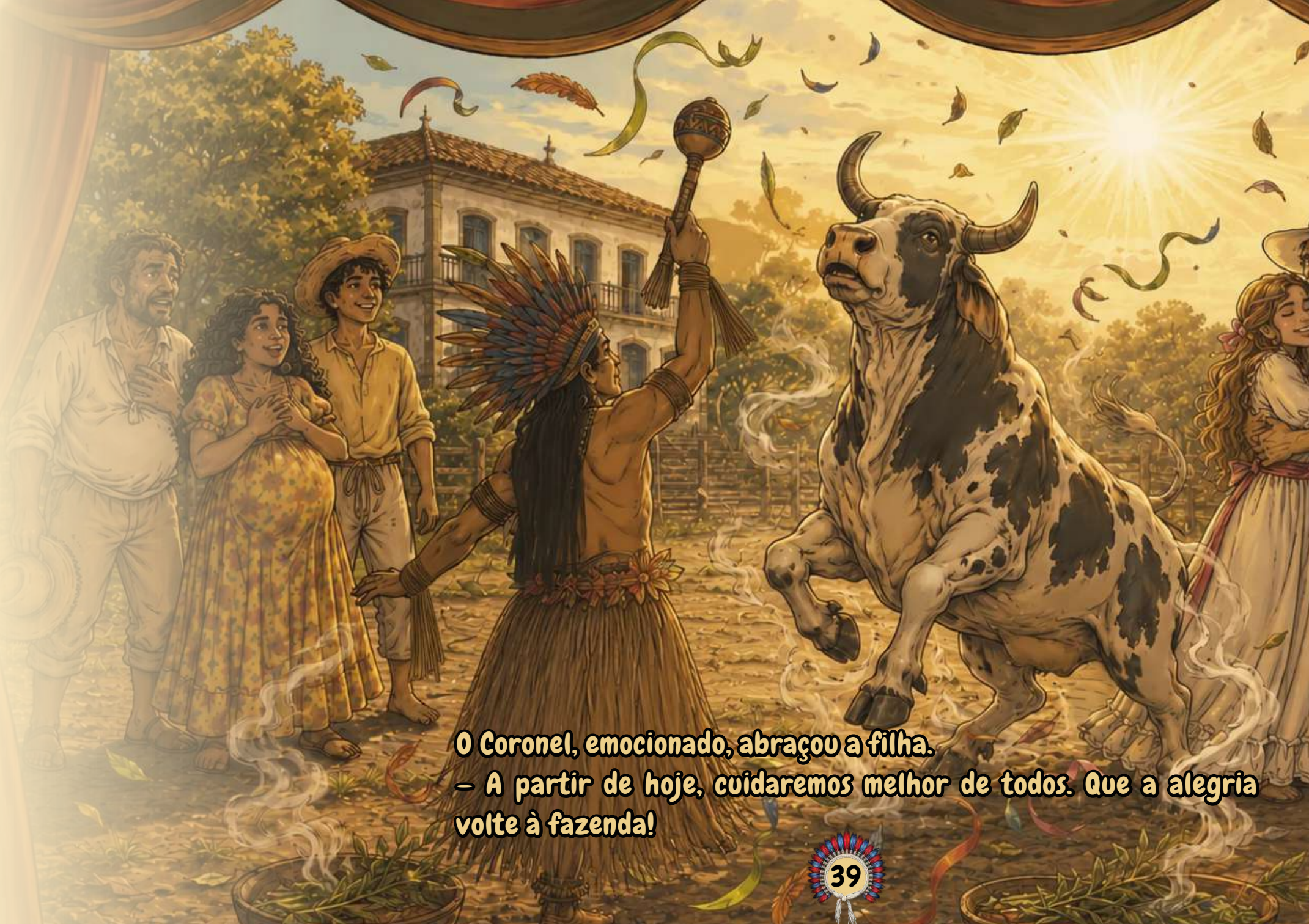
– Oh, espíritos antigos da floresta sem fim... – murmurou. – Este não é apenas um boi. É memória, é raiz. Levanta, Boi Manhoso!

Um vento soprou forte. O boi se moveu. Primeiro um tremor, depois um passo. E então, o Manhoso levantou-se, vivo, reluzente sob a luz do sol. Todos gritaram:

– Viva o Boi Manhoso!



38



**O Coronel, emocionado, abraçou a filha.
– A partir de hoje, cuidaremos melhor de todos. Que a alegria volte à fazenda!**



39

**O terreiro voltou a ser o de Maria.
Ela observava tudo com um sorriso sereno.**



– Esses personagens – disse – são parte das apresentações dos bois Caprichoso e Garantido. Hoje, o Festival de Parintins acontece no Bumbódromo, durante três noites de junho. As torcidas se dividem: azul para o Caprichoso, vermelho para o Garantido. E eu... eu vi tudo nascer.

Maria se levantou, apoiando-se no banco. O vento balançava as fitas coloridas penduradas nas árvores.

– Eu já tive muitos nomes – disse, com voz suave. – “Missão de Vila Nova da Rainha”, “Freguesia de Tupinambarana”, “Vila Bela da Imperatriz”, mas podem me chamar de PARINTINS.

E então, como se o tempo se abrisse em festa, tambores, danças e cores. O povo cantava, celebrando a cultura, a fé e a alegria de um povo que transforma memória em espetáculo. Onde o povo canta, e a história vive – tecida nas linhas da vida, pelas mãos de Maria.



**Somos desse chão abençoado
Que as tintas do talento colorem
Cultura de brancos, negros e indígenas
É a origem do nosso folclore**

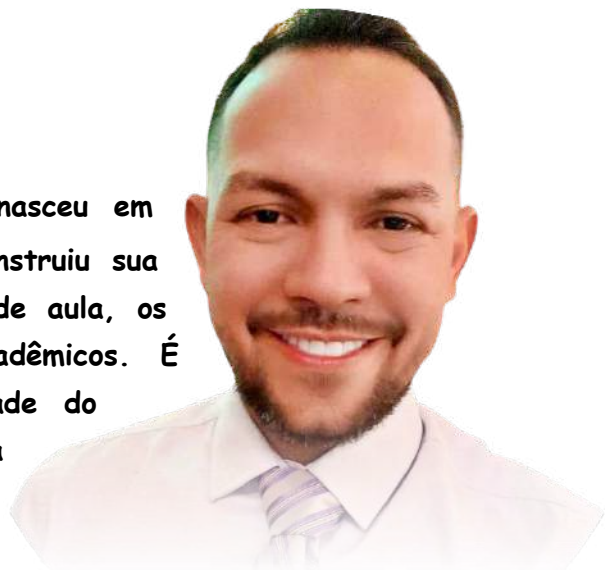
**Às margens do Rio Amazonas
Tem cirandas, quadrilhas e pastorinhas
O berço do meu Boi Bumbá
Terra fértil de amor e poesia**

**Neste palco de fantasia
Onde arte se manifesta
Celebrando a nossa cultura
Parintins, folclore em festa!**



Sobre o autor

Tiago Oliveira da Rocha nasceu em Manaus, no coração da Amazônia! Construiu sua trajetória entre os palcos, as salas de aula, os projetos culturais e os estudos acadêmicos. É licenciado em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE) e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Integração das Américas (UNIDA). É professor de Artes nas redes municipal e estadual de ensino, parecerista de projetos culturais, jurado do Carnaval de Manaus e de festivais culturais realizados em diversas cidades do Amazonas. Atua como ator e diretor da Companhia de Teatro ATOCÊNICO. Atualmente exerce a função de Assessor Artístico na Agência Amazonense de Desenvolvimento Cultural (AADC). Sua trajetória é marcada pelo compromisso com a formação humana, a preservação da memória cultural e a democratização do acesso à arte e ao conhecimento.



@tiagooliveiraoficial

Contatos da editora



@formasempoemas_editora
@formasempoemas



editora.formasempoemas@gmail.com



Contate-nos!

**Colabore com
este livro!
Deixe sua pintura!**





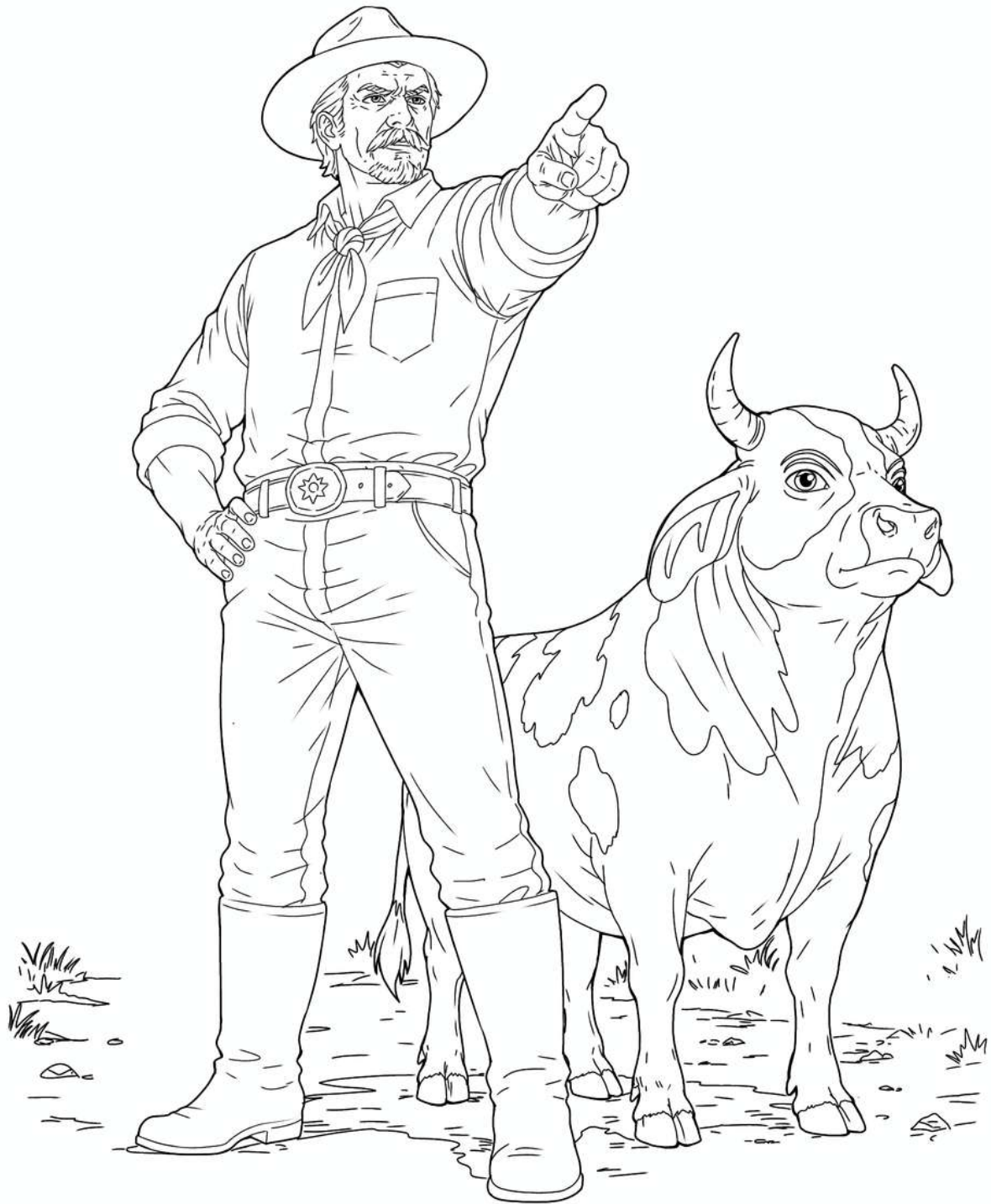
















Parintins é onde a memória dança ao som dos tambores e o azul e o vermelho transformam tradição em espetáculo. Abrir as páginas de Parintins, folclore em festa! é navegar pelas águas do Rio Amazonas e ouvir as histórias que o tempo guardou.

Entre lendas, toadas e encantamentos, a obra conduz o leitor por uma jornada pela Ilha da Magia, onde a cultura ganha voz, a identidade ganha cores e o folclore se torna uma celebração inesquecível da alma amazônica.

Sejam bem-vindos a Parintins, folclore em festa!

ISBN: 978-65-84256-08-8



Secretaria de
Estado de Cultura e
Economia Criativa



GOVERNO DO
AMAZONAS
A FORÇA DA NOSSA GENTE